

CALAMIDADE NO RS

A reconstrução em meio ao caos é a nova rotina na capital

Eduardo Amaral

eduardo.amaral@gruposinos.com.br

Terça-feira, dia 14 de maio de 2024, e o cenário nas ruas de Porto Alegre é de uma cidade dividida. Nas regiões que sequer alagaram, a tentativa é de seguir a vida com normalidade, embora o principal assunto em todas as rodas de conversa seja a cheia histórica, nunca antes vista. Há falta de suprimentos, como água, que se tornou um dos artigos em disputa nestes tempos. Mesmo assim, o fluxo de veículos e de pessoas não dá a dimensão do que acontece há mais de duas semanas em outras áreas.

Pois há também lugares onde a água baixou, e as pessoas começam a tentar reconstruir suas vidas e se preparar para o retorno de uma normalidade. Na esquina das ruas José do Patrocínio com Joaquim Nabuco, um muro de água, tal qual o Muro de Berlim, divide de forma clara os alagados e os que já vivem nesta nova realidade. É neste lugar, localizado no bairro Cidade Baixa, que Carlos Valério, 65 anos, ajuda na limpeza e reconstrução do bar onde trabalha há três anos e meio.

O local onde Valério trabalha está seco, e eles aproveitam o dia de sol para limpar mesas e cadeiras embarcadas. “Foi dramático. Começou na sexta-feira (3) e a água veio normal, ninguém se preocupou porque ela estava lá embaixo, é algo que nunca aconteceu por aqui”, relata o morador do bairro Partenon, na zona Leste da capital, um dos locais que não foi afetado pelas enchentes.

Contudo, a situação de retomada da normalidade se depara, logo à frente, com a realidade

de transbordo do Guaíba. A menos de meio metro de onde Valério trabalha limpando mesas e cadeiras, o nível da água é alto e ainda toma as casas. “Para todos nós, é uma lição. O poder público tem responsabilidade por isso tudo, porque isso era uma tragédia anunciada, já era para ter tomado iniciativa há anos”, alerta Valério.

No fundo, ele parece saber que o trabalho realizado na tarde de sol ainda é incipiente e depende do comportamento das águas: “A luta continua. Tem o bar aqui... temos de aguardar o nível da água baixar. O nível vai e volta.”

Na fila

Poucos metros distante de onde Valério trabalha, uma longa fila se forma nas esquinas das avenidas João Pessoa e Venâncio Aires. Nela, estão pessoas diretamente afetadas pelas enchentes, que tiveram suas casas submersas. É o caso do taxista Guilherme da Silva Vitali, 35 anos, morador do bairro São Geraldo, no 4º Distrito de Porto Alegre. Com uma jaqueta do Internacional, ele aguarda, como os demais, a entrega de kits de cesta básica.

“Nunca passamos por uma situação dessas. Começou aos poucos, com a água subindo gradualmente. No início, ficamos surpresos, não esperávamos. Mesmo com todos avisos, acho que por um descaso de anos das instituições estatais, nos criamos esse negacionismo”, relata Vitali, que vive a situação inédita de buscar doações. Ele foi o último da família a deixar a casa, com água já na altura do joelho, e dentro da residência estava à altura do peito. “Eu vi a minha casa enchendo de água aos poucos”, sintetiza.



Muro de água divide Porto Alegre em áreas seca e alagada

+ Força em meio à tragédia

Diarista, Neusa Lúcia de Oliveira, 57 anos, também é moradora do Partenon. Embora o bairro tivesse menos risco de alagamento, ela decidiu se refugiar com o filho Kauã, 16, na casa de uma filha moradora do bairro Ipanema. O medo de desmoronamento fez com que ela buscasse um abrigo mais próximo ao Guaíba.

Longe do risco de se ver soterrada, ela acabou sendo vítima das águas que invadiram a casa onde se

abrighava. “Já chorei muito. Às vezes tu tem força, mas às vezes perde a esperança nas coisas, ainda mais a gente que constrói a cada dia um tijolinho. Está muito difícil, quase morro chorando. É complicado, para a gente que é pobre é brabo”, relata. “Em mim mesma, não tenho pai nem mãe, a família quase toda de Florianópolis... minhas três irmãs moram na zona Norte, estão piores do que eu”, lamenta.

Hora de mudança

Valério olha para o resultado das águas tomando a cidade e redobra o alerta para o cuidado com o avanço da sociedade sobre o Guaíba. “A natureza infelizmente se rebelou, porque isso aqui era água. Tudo isso aqui era rio, daí foram aterrando, e tem hora que a natureza cobra”, lembra, ao apontar para as ruas do bairro Cidade Baixa.

Vitali, o taxista que conseguiu salvar o carro e se prepara para voltar ao trabalho, também aponta para a necessidade de maior cuidado com medidas que possam evitar tragédias: “A gente nunca espera

uma coisa dessas, com o pouco que a gente tem de investimento nas estruturas da cidade e mesmo do País.”

Assim, mesmo ainda sem saber quando poderá voltar para casa ou trabalhar, a população segue em frente. Cada dia é uma nova história, à espera de ver o Guaíba baixar e de poder voltar à vida normal. Mesmo que o normal de antes talvez não exista mais.

Leia as últimas notícias sobre o RS em abcm.com.br/tempestade

Eduardo Amaral

Jornalista

Todos precisam de ajuda

Em meio a conversas com pessoas atingidas pelas enchentes, uma das frases mais corriqueiras que escuto é de que “tem gente pior”. Mecanismo de defesa ou de alento, essa perspectiva de que há outros que precisam de mais atenção pode mascarar o problema: todos estamos abalados com o cenário vivido pelos gaúchos.

Numa das entrevistas que fiz, questionei meu interlocutor sobre a busca por atendimento psicológico. O homem, de 35 anos, reconheceu a necessidade de atender as pessoas atingidas, mas se considerava bem – mesmo tendo visto sua casa ser tomada pelas águas e de precisar buscar, junto com a família, um novo abrigo. Fora de casa há dias, ele e outros parecem se recusar a aceitar as dificuldades e a necessidade de ajuda, não importando que tenha buscado uma cesta básica doada pela primeira vez na vida.

Confesso que eu mesmo, fora de casa há mais de uma semana e sem qualquer perspectiva de retorno rápido, busco me segurar no fato de não me achar tão prejudicado. Parece que encontramos no sofrimento alheio um motivo para não aceitar o nosso próprio, repetindo, quase como um mantra, a frase “estou bem”.

Acredito que nós, homens, tornamos essa confissão de não estar bem ainda mais difícil. Nos blindamos por crer ser impossível mostrar força em meio ao caos e, ao mesmo tempo, fragilidade pelo que houve. Mas a verdade é que ninguém está bem ao contar, mais uma vez em menos de um ano, corpos perdidos para as enchentes. Não estamos bem vendo pessoas perderem tudo o que demoraram anos para construir, tão pouco quando nós mesmos perdemos bens materiais. Também não estamos bem por termos de sair de nossas casas e buscar abrigos, seja na casa de amigos e familiares, seja um espaço comunitário organizado pelo poder público.

Todos aqueles e aquelas que ainda preservam o mínimo de humanidade e não querem utilizar da tragédia para atacar ou se promover estão abalados de alguma forma. Admitir isso e aceitar as ajudas oferecidas não nos fará mais fracos, muito pelo contrário. Vai nos dar força como sociedade para, juntos, podermos ficar bem novamente.

Os meses que vierem após as águas finalmente baixarem serão árduos. Por isso mesmo, é fundamental nos permitirmos sentir as dores deste momento. Só assim será possível nos reconstruirmos como indivíduos, como cidades, Estado e sociedade. Vamos superar. Mas, para isso, será preciso aceitar cuidados nestes momentos. Por mais difícil que isso seja para nosso ego e para nossas certezas pessoais.



Carlos Valério ajuda na limpeza de bar na Cidade Baixa